

RICARDO PHILIPPE E CRISÓGONO: ser padre e negro no Brasil e na Colômbia (séculos XIX/XX)

Surya Aaronovich Pombo de Barros

Resumo

Investigam-se dois homens negros, o brasileiro Ricardo Philippe da Rocha e o colombiano Juan de Dios Sierra y Velásquez, depois Crisógono Sierra y Velásquez, e a trajetória de cada um deles em sociedades marcadas pela exclusão. Esses sujeitos, conhecidos respectivamente como *pretinho* e *padre negro* por seus contemporâneos, têm em comum o pertencimento racial e a atuação como padres na Igreja Católica na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. A partir de fontes diversas, como documentos provinciais e eclesiásticos, imprensa e literatura memorialística, e com aportes da história da educação das populações negras e da história comparada da educação, reflete-se sobre a formação, a trajetória e a memória sobre os dois padres. Conclui-se que, a despeito dos obstáculos provocados pela racialização e racismo existentes em seus países, ambos ocuparam espaços importantes dentro da Igreja e em suas comunidades, demonstrando as diversas possibilidades de ser negro na América Latina.

Palavras-chave: padres negros; história da educação comparada; brasil e colômbia.

RICARDO PHILIPPE AND CRISÓGONO: being black priests in Brazil and Colombia

Abstract

This study examines two Black men – the Brazilian Ricardo Philippe da Rocha and the Colombian Crisógono Sierra y Velásquez – and their life trajectories within societies marked by exclusion. These individuals share a common racial identity and served as priests in the Catholic Church during the second half of the 19th century and the early decades of the 20th century. Drawing on diverse sources such as provincial and ecclesiastical documents, the press, and memoirs literature, and incorporating insights from the history of education among Black populations and comparative education history, this study reflects on the formation, careers, and legacies of the two priests. It is concluded that, despite the obstacles caused by racism, both occupied important positions within the Church and in their communities, demonstrating the diverse possibilities of being Black in Latin America.

Keywords: black priests; comparative history of education; brazil and colombia.

RICARDO PHILIPPE Y CRISÓGONO: ser sacerdote y negro en Brasil y Colombia (siglos XIX/XX)

Resumen

Se investiga la trayectoria de dos hombres negros, el brasileño Ricardo Philippe da Rocha y el colombiano Crisógono Sierra y Velásquez, en sociedades marcadas por la exclusión. Estos sujetos tienen en común su origen racial y su labor como sacerdotes en la Iglesia católica durante la segunda mitad del siglo XIX y las primeras décadas del XX. A partir de diversas fuentes, como documentos provinciales y eclesiásticos, prensa y literatura memorialística, y con aportaciones de la historia de la educación de las poblaciones negras y de la historia comparada de la educación, se reflexiona sobre la formación, la trayectoria y la memoria de ambos sacerdotes. Se concluye que, a pesar de los obstáculos provocados por el racismo, ambos ocuparon espacios

importantes dentro de la Iglesia y en sus comunidades, demostrando las diversas posibilidades de ser negro en América Latina.

Palabras clave: sacerdotes negros; historia de la educación comparada; brasil y colombia.

INTRODUÇÃO

A diáspora africana nas Américas é um tema fundamental nos países que vivenciam seus efeitos, e suas consequências são debatidas e disputadas em diferentes âmbitos como história, antropologia, em estudos acadêmicos, nos debates públicos e nas políticas sociais. Desde a década de 1980, a intelectual negra brasileira Lélia Gonzalez chamava atenção para como as experiências históricas brasileiras foram semelhantes às de outros países latino-americanos, alertando sobre o racismo e seu funcionamento: “O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais efetiva: a ideologia do branqueamento” (Gonzalez, 2018, p. 312). As discussões sobre educação tanto no Brasil quanto na Colômbia têm seguido essas preocupações demonstradas pela intelectual, com reflexões sobre como esta conformação histórica influencia os processos e resultados até os dias atuais¹.

Neste texto², pretendemos colocar em pauta aproximações e diferenças entre esses dois países. Para isso, nos deteremos em nosso campo de pesquisa, a história da educação, enfatizando a história da educação comparada (Vidal, 2001), cuja presença neste campo está se ampliando. Como defende Jiménez (2024, p. 15, grifo próprio),

[...] el metodo comparado en historia de la educación se basa en el establecimiento de preguntas – una causalidad compartida como también en *unidades de comparación comunes*; busca semejanzas y diferencias para encontrar las tendencias, yuxtaponer análisis y llegar a conclusiones que trasciendan las fronteras locales y que nos permitan pensarnos a nivel regional.

Nesse sentido, nos aproximamos da história da educação comparada para pensar em como, em ambas as sociedades, aconteceram processos de aproximação e distanciamento de suas populações negras ao universo escolar. Vale destacar que a escolha desses territórios como foco de análise, como defende Diana Vidal (2001) como um dos aspectos da história comparada, são as aproximações em termos de formação dessas sociedades. O Brasil é o país mais populoso da América Latina, e com a segunda maior porcentagem negra³, enquanto a Colômbia é o segundo país mais populoso da região, com a terceira maior porcentagem afrodescendente do continente (Rights and Resources Initiative *et al.*, 2024). A presença negra em ambos os países é determinante para seus processos históricos e para as reflexões sobre a sociedade que temos e que desejamos em ambas as regiões.

As reflexões sobre populações negras e história da educação se aprofundaram nas últimas décadas. Especialmente em relação ao Brasil Império, que, por muito tempo foi pensado como um período no qual, em função da vigência da escravidão, pessoas negras não teriam tido contato com o universo escolar, as pesquisas realizadas sobretudo no campo da história da educação brasileira mostram que há muitas possibilidades de compreender a ausência e, também, a presença negra em

¹ Ver, por exemplo, Santos (2017).

² Este trabalho é resultado da pesquisa de pós-doutorado HISTÓRIA COMPARADA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA - BRASIL E COLÔMBIA (1860-1950), com financiamento da Chamada 16/2025 do CNPq.

³ Só perdendo para a Venezuela, com cerca de 55% de presença negra.

ambientes educacionais e no contato com as letras (Barros; Fonseca, 2016). Na Colômbia, reflexões semelhantes vêm sendo realizadas a fim de pensar como a população afrodescendente foi incluída/excluída dos projetos de nação desde a independência no século XIX e ao longo do século XX (Herrera, 2006; Loango, 2016). Nesse sentido, a reflexão proposta por Cynthia Veiga (2022), sobre os processos de constituição da América Latina no que se refere à instrução e seu papel na construção das subalternidades de negros e indígenas nesse continente também são basilares. Ela defende que a história da educação não pode prescindir das categorias raça e classe social para explicar a região.

Existem pesquisas brasileiras abordando a presença de alunos/as negros/as (livres ou escravizados/as) em escolas elementares ou secundárias, trajetórias docentes negras, a existência de intelectuais negros/as, entre outras. O reconhecimento da diversidade de experiências agrupadas nesse guarda-chuva denominado *negros* possibilitou o olhar sobre escravizados, livres e libertos; sobre crianças, jovens e adultos; pretos, pardos e uma infinidade de *cores*; assim como sobre pobres, órfãos, desvalidos e camadas intermediárias da população, como artistas, profissionais liberais, escritores/as, jornalistas, médicos, entre outras profissões que se destacam pelo domínio da escrita e que foram desempenhadas, também, por pessoas negras. As investigações colombianas vêm aprofundando as análises sobre o impacto de ser afrocolombiano no acesso ou exclusão às políticas públicas relacionadas à educação básica e ao ensino superior e, ainda, sobre intelectualidade afrocolombiana (Bolívar, 2023).

No Brasil, além das possibilidades mencionadas, homens negros também alcançaram a posição de padres da Igreja Católica, e suas trajetórias estão sendo destacadas em investigações sobre Brasil Imperial. Eles viveram em diferentes regiões do Império, como o amazonense Padre Daniel de Oliveira (1828-1881), pesquisado por Tenner Abreu (2013); Padre Victor (1827-1903), do sul mineiro, analisado por Marcus Vinícius Fonseca (2020), e o paraibano Ricardo Philippe da Rocha (1867-1924c), sobre o qual já nos referimos (Barros, 2022) e voltaremos a tratar neste texto, trazendo-o para o âmbito da história da educação comparada. Na Colômbia, encontramos poucas pesquisas sobre a presença negra na Igreja, possivelmente porque a existência de religiosos negros foi algo incomum. Um exemplo disso é que o primeiro bispo negro do país foi nomeado apenas em 2024, causando grande repercussão (Medina, 2024). A escravidão na Colômbia foi abolida em 1852, no entanto, as interdições construídas desde o período colonial e a vigência do escravismo impactaram a incorporação de pessoas negras na sociedade. Assim como ocorreu no Brasil, as identidades raciais se consolidaram no século XIX, justificando as representações do branco como superior e das *pessoas de cor* como inferiores, como expõe Cynthia Veiga (2022, p. 85): “[...] essa inferiorização só foi possível porque vinculada a relações de trabalho históricas bastante específicas: servidão indígena e escravização de indígenas e africanos”. Apesar disso, a Colômbia produziu um padre negro no alvorecer do século XX.

Assim, o objetivo deste artigo é debater sobre o brasileiro Padre Ricardo, *pretinho risonho*, *vigário de Cristo*, e o colombiano Crisógono Sierra y Velásquez, o *Padre Negro*, pensando em aproximações e diferenças em suas trajetórias, relação com o universo letrado e sua atuação como membros da Igreja Católica. A partir da pesquisa em fontes eclesiais, literatura memorialista, imprensa, documentos produzidos pela administração provincial/estadual, assim como material de divulgação católica contemporânea, sugerimos explicações sobre como as experiências desses sujeitos podem ajudar a compreender as possibilidades de ser um sacerdote negro na América Latina da virada do século XIX para o século XX.

ANOS DE FORMAÇÃO

Em 1941, o memorialista paraibano Coriolano de Medeiros⁴ publicou *O Tambiá da minha infância*, no qual reflete sobre sua infância nas décadas finais do século XIX. Um dos aspectos tratados são os *habitantes* da região, quando discorre sobre a vizinhança e sujeitos que marcaram seus primeiros anos de vida. Entre eles, homens e mulheres negros: a ex-escravizada que teria enlouquecido por ter perdido seus filhos, vendidos pelo então proprietário; e o baiano radicado na região que teria comemorado a Abolição, por exemplo. Entre essas lembranças, ele trata de um episódio que teria causado comoção: um homem *de cor* que, a despeito dessa característica, conseguira um feito digno de nota – a ordenação do filho *muito pretinho* como padre:

No outro lado erguia-se a ampla vivenda do *funileiro Ricardo da Rocha, homem de cor*, muito estimado por sua educação, por sua atividade. *Ordenou um filho, o Padre Ricardo, muito pretinho* e risonho. Foi homem digno, honrou o nome de sua terra, morreu membro acatado e ilustre do clero paraense.

No dia em que o Padre Ricardo chegou à casa paterna, após sua ordenação, todo o bairro moveu-se para ver o êxito do esforço do velho e honrado funileiro. Mas *o que positivamente surpreendia era a singularidade de ter o seminário de Olinda permitido que um preto conseguisse ser também vigário de Cristo!* (Medeiros, 1994, p. 32, grifo nosso).

Pouco sabemos sobre a família Rocha, além dos nomes dos pais e avós maternos e paternos, e das ocupações de Ricardo e Genuina. Não sabemos se o casal tinha outros filhos, além de Ricardo Philippe⁵, provavelmente primogênito, por ter o nome do pai. De qualquer modo, sabemos que Ricardo Phillipe nasceu num período em que ainda vigia a escravidão, que só seria abolida no Brasil em 1888, mas de pais livres.

Apesar da escassez de fontes sobre sua infância e juventude, Ricardo Philippe deve ter frequentado aulas na cidade da Parahyba, capital da província. Ele teria aprendido as primeiras letras no mesmo período em que *meninos pobres* buscavam a escola, como ocorria no período (Barros, 2017)? A demanda por escolarização aparece em textos como o relatório de Toscano de Brito, diretor da Instrução Pública, ao presidente da província. Ao tratar do ensino noturno, o diretor lamentou a pouca disposição dos professores em oferecê-lo, sugerindo que esse poderia solucionar a procura de “[...] grande quantidade de meninos, a maioria pobres” que estaria sobrecarregando as aulas públicas diurnas da capital:

Entretanto, como ensaio, seria conveniente pôr em pratica o que dispõe o art. 32 do cit. reg., pois a grande quantidade de meninos, a maioria pobres, matriculados nas 4 aulas publicas d’esta capital, já insuficientes para tantos alumnos, parece estar indicando que se tente esse meio, ou que sejam creadas mais cadeiras (Paraíba, 1883, p. AD-4).

Os *meninos pobres*, caracterizados em outros documentos como *filhos de artistas e operários*, buscavam a escola provincial, insuficiente para todos que a desejavam. Para solucionar o problema, o diretor incentivava o oferecimento de aulas noturnas ou a criação de mais cadeiras. Numa

⁴ Publicado em 1941, quando Coriolano – historiador de ofício, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) – já alcançara fama como estudioso, o livro se constitui fonte importante para a pesquisa sobre a Paraíba. O autor nasceu em 1875 no sertão paraibano e se mudou para a capital em 1877, acompanhando a família que fugia da seca.

⁵ A grafia do nome aparece de diferentes maneiras: Phillipe, Phelippe, Felipe. Optamos por citar de acordo com a fonte e, no geral, utilizar Phillipe, como aparece no processo eclesiástico de sua ordenação.

província composta em sua maioria por pessoas negras, isso indica a busca dessa parcela da população por instrução.

Seria Ricardo Philippe um desses meninos? Que aulas teria frequentado? O pai seria um dos artistas e operários que buscavam escola para os filhos, ocupando as aulas diurnas da capital? Ele teria frequentado uma aula noturna, já que essa não era ocupada exclusivamente por adultos? Ou entre os *esforços* de seu pai, como Coriolano de Medeiros descreveu, estaria o de arcar com os custos de um professor particular? Graciliano Lordão, outro homem *de cor* contemporâneo à família Rocha, que se destacou na sociedade paraibana como professor e deputado provincial, teve o primeiro contato com o universo letrado numa aula particular (Barros, 2018), o que mostra essa possibilidade.

Ricardo deve ter frequentado o seminário episcopal na década de 1880, já que em 1891 estava pronto para ser ordenado padre. Não sabemos o percurso percorrido antes disso, nem onde e quando teria acessado as primeiras letras ou realizado os cursos preparatórios que o levaram ao seminário. Ele teria sido contemplado com a ajuda provincial prevista na Lei nº 832, de 1886, que determinava que a província auxiliasse financeiramente cinco alunos pobres no seminário? A referência ao tema aparece na mensagem do governador Álvaro Machado ao congresso constituinte do recém-criado estado:

A lei nº 832 de 8 de Dezembro de 1886, justamente a que é contemporânea d'um plano amplo de instrução, consignou para a mesma 136:014\$000 incluindo além de outras despesas a quantia de 1:750\$000 para a educação de cinco alumnos pobres da antiga Província no Seminário d'Olinda, quantia que já não é dada” (Paraíba, 1892, p. 11).

A família de um artista seria considerada pobre o suficiente para pleitear uma vaga? Não encontramos documentos que respondessem essas indagações, mas são possibilidades a serem aprofundadas em futuras pesquisas. A documentação eclesiástica também contraria as memórias de Coriolano de Medeiros, ou no mínimo embaralha as informações sobre o *pretinho e risonho*. Diferente do que pensava o memorialista, Ricardo não frequentou o Seminário de Olinda, e sim foi aluno da Diocese do Pará. Ademais, ele estava no Seminário São Sulpício, na França, por ocasião de sua ordenação, que foi realizada com a procuração dada ao pai, Ricardo Luiz.

A existência de sacerdotes negros no Brasil Império e primeiros anos do século XX, a despeito da excepcionalidade, também pode ser referida quando olhamos para outros países do continente. Na Colômbia, mais especificamente na cidade de Robledo, região de Medellín, departamento de Antioquia, nasceu em 1877 Juan de Dios Sierra y Velásquez, quarto filho de oito irmãos. Sua família teria sido próspera e *profundamente devota*, tendo como expectativa que Juan de Dios se dedicasse à administração da fazenda e aos negócios familiares (Navarrete, 2016, p. 58).

Uma questão importante em relação a ele é que, embora tenha passado à posteridade como *el Padre Negro*, sua família não era vista como negra pelos contemporâneos. Segundo as biografias, “[...] desde muy pequeño su característica tez negruzca lo diferenció de sus hermanos, pues era el único con ese color de piel, el cual se remontaba hasta un tatarabuelo” (González, 2020). A maioria dos textos disponíveis se debruça sobre sua trajetória após a ordenação como padre, quando alterou o primeiro nome, adotando Crisógono Sierra y Velásquez. Ainda assim, vale a pena refletir sobre seus primeiros anos de vida ainda na Antioquia.

Não encontramos informações sobre a vida escolar de Juan de Dios, mas sabemos que ele cursou o ensino superior, estudando medicina, engenharia e direito. Quando ele nasceu, estava em vigor o Decreto Orgânico da Instrução Pública da Colômbia, de 1870, que determinava a obrigatoriedade do ensino primário: “Decreto Orgánico de la Instrucción Pública, 1870. Los

padres, guardadores, y en jeneral todos los que tienen niños a su cargo, o los emplean o reciben en aprendizaje, están obligados a enviarlos a una de las escuelas públicas del Distrito, o a hacer que de otra manera se les dé la suficiente instrucción” (Uribe, 1980, p. 18). Ademais, como afirmam seus biógrafos, ele vinha de uma família abastada. Mesmo nesta posição social, podemos conjecturar sobre o impacto da cor de pele e aparência física em seu cotidiano como estudante nos primeiros anos de vida, nas experiências como universitário e, inclusive, na primeira tentativa malsucedida de adentrar uma ordem religiosa. Inicialmente, ele estudou direito e, aos 27 anos de idade, tentou entrar na Ordem Franciscana, quando seu ingresso foi negado. A explicação oficial é que foi em função de sua idade, mas alguns anos depois, o logrou. Sua cor teria alguma implicação nesse fracasso? Não encontramos menção na produção sobre ele. Depois da tentativa malograda, Juan de Dios voltou à universidade para estudar medicina e engenharia, antes de ingressar definitivamente na vida religiosa.

A historiografia colombiana é bastante contundente em relação ao ideal de brancura na região da Antioquia, onde desde o século XVIII, mesmo com a força da escravidão na região, foi sendo desenvolvida a ideia de uma “[...] *raça ou identidade paisa* (da Antioquia)”, cuja característica principal seria o distanciamento de origens indígenas e afro: “Aunque la presencia negra fue prominente en la población colonial de Antioquia, el mito de la pureza racial ha servido para borrar el rastro negro en la historia regional” (Posada, 2011, p. 106). Juan de Dios nasceu em 1877, mais de duas décadas depois da abolição da escravidão (em 1852 na Colômbia), de uma família abastada e embranquecida. A ausência de fontes não nos permite aprofundar seus anos de formação escolar e universitária, mas a produção historiográfica que reflete sobre a presença negra na sociedade colombiana denuncia que, no período, “[...] estudantes y profesionales negros y mulatos continuaron afrontando ‘resistencias particulares’ – o, más bien, barreras raciales – a la hora de mantenerse en el sistema educativo y ejercer sus profesiones” (Tamayo, 2026, p. 267). A autora continua: “[...] los negros y mulatos que lograron terminar sus estudios superiores debieron enfrentar las resistencias expresadas por los miembros de las élites colombianas que percibieron el ascenso social y educativo de los negros como arribismo, altanería o ‘delirio de grandeza” (Tamayo, 2026, p. 267). Tendo isso em conta, as experiências de Juan de Dios não devem ter sido as mais fáceis, o que pode ser visto em sua busca pela vida religiosa, quando não foi atendido pela primeira vez e, para conseguir, teve de mudar de país, como veremos em seguida.

TRAJETÓRIAS NA IGREJA

Coriolano de Medeiros (1994, p.32) menciona que “[...] no dia em que o Padre Ricardo chegou à casa paterna, após sua ordenação, todo o bairro moveu-se para ver o êxito do esforço do velho e honrado funileiro”. Qual teria sido o esforço do pai? Que redes de apoio, políticas provinciais e questões de ordem econômica e pessoal teriam sido acionadas por um homem *de cor* para a ordenação do filho?

O processo de ordenação⁶ de Ricardo Philippe contribui para preencher algumas lacunas deixadas pela rápida menção do cronista. Segundo a documentação produzida entre 1890 e 1891, Ricardo Philippe da Rocha nasceu em 1867, filho legítimo de Ricardo Antônio Luiz da Rocha e de Genuina Maria da Conceição Rocha. Os pais haviam se casado em 1866 e eram moradores da

⁶ Até o Concílio Vaticano II, três processos eram seguidos para a ordenação de padres. Esse procedimento produziu uma rica documentação que serve de fonte para a análise de diversas questões sobre os personagens envolvidos ou o período: Auto de Justificação *Vita et Moribus*, Autos de Justificação de Patrimônio e Inquirição de *Generis*.

Freguesia de Nossa Senhora das Neves, na capital. Os avós de Ricardo Philippe também foram identificados no processo: Antonio Luiz da Rocha e Rosa Margarida de S. José, pelo lado paterno, e Braz Mariano das Dores e Barbara Maria da Conceição pelo materno. Nenhum deles teve a qualidade ou cor registrada, mas certamente os quatro eram livres de nascimento, exigência da Igreja Católica para a ordenação. Chamado de *pretinho* ou *preto* nas memórias de Coriolano de Madeiros, na documentação eclesiástica o candidato a padre é descrito como *pardo*. A atividade do pai foi registrada como *funileiro*. As testemunhas, por sua vez, definiram Ricardo Luiz como *artista*. Genuína, sobre quem não encontramos outras informações, foi relatada pela ocupação de *serviços domésticos* (Fundo Chancelaria..., [s.d.]).

As sete testemunhas arroladas no Auto de Habilitação em favor de Ricardo Phillippe foram quatro *artistas*, um *capitão da Guarda Nacional aposentado*, um *tenente da Guarda Nacional* e um *negociante* (Fundo Chancelaria..., [s. d.], p. 21). Essas informações sugerem as redes de relações da família Rocha, mostrando contato com pessoas consideradas distintas, que aceitaram testemunhar em prol de seu filho. O registro dos nomes dos avós maternos e paternos reforça estudos que tratam de famílias negras no século XIX no Brasil. Quando se tratava de *pardos* e livres, pesquisas mostram a presença de casais com uniões reconhecidas pela Igreja, com referências a nomes completos, locais de nascimento e, como afirmamos, provavelmente todos/as livres (Rocha, 2009).

No período em que se desenvolvia o processo de ordenação, Ricardo se encontrava frequentando o Seminário de S. Sulpício, em Paris, França. Não encontramos documentos explicando os motivos que o levaram a Paris ou os trâmites para isso. Na documentação disponível, a solicitação da ordenação foi assinada por seu pai. A letra tremida, insegura da assinatura (Barros, 2017) provoca algumas questões: o *velho funileiro* teria sido escolarizado? Ou aprendera a escrever o nome apenas para compor o processo de ordenação do filho? Em agosto de 1880, Borges da Fonseca, então diretor da Instrução Pública paraibana, produziu um extenso relatório no qual, além de fornecer as informações esperadas nesse tipo de documento, apresentava uma longa reflexão intitulada *Meios de melhorar a instrução publica primaria*. Ele versava sobre diversos temas, entre os quais educação noturna e a importância do ensino para a formação de eleitores. Justificava a importância de aulas noturnas pelas necessidades “[...] de todas as classes da sociedade” que não poderia gozar do diurno, especialmente “operários e artistas”:

O princípio da igualdade da lei que a Constituição outorgou a necessidade da difusão do ensino por todas as classes da sociedade provam exuberantemente a instituição do ensino noturno, quando grande parte da população não pode por circunstancias peculiares gozar do ensino diurno como os operarios, artistas, que de dia empregam-se no trabalho donde tiram a sua subsistencia (Paraíba, 1880, p.S1-11).

Ricardo Antonio se encaixaria nesse grupo? Qual teria sido a importância do contato com o universo letrado em sua trajetória e, também, na de seu filho, que viria a se tornar *vigário de Cristo*? Assim como essas questões, seus laços de compadrio, as redes de solidariedade compostas por outras pessoas negras e homens trabalhadores ainda estão em aberto, mas ajudam a perceber experiências complexas experimentadas pela população negra no século XIX no Brasil.

Como afirmamos, embora, nas memórias de Medeiros (1994), Ricardo Philippe teria estudado no Seminário de Pernambuco (província vizinha, que recebia alunos paraibanos), sabemos que ele realizou parte de seus estudos no Pará, antes de ir para a França. Como ele teria chegado ao Pará? Que ligações o teriam levado para a região? Não encontramos registros para responder, mas, ao ser ordenado, Padre Ricardo foi indicado para atuar no estado paraense, onde

teve uma carreira longa. Em 1896, o jornal paraibano *A União* publicava uma breve nota, mostrando que ele já vivia no Pará:

PADRE RICARDO ROCHA. Vindo do Pará, acha-se entre nós o ilustrado sacerdote Ricardo Rocha, uma das verdadeiras glórias de nossa terra natal, que tanto o admira. Nós o cumprimentamos affectuosamente (*A União*, 1 jul. 1896, p.2).

A partir daí, com poucas exceções em folhas paraibanas noticiando eventuais visitas, os registros sobre Padre Ricardo apareceram com regularidade na imprensa paraense. Em 1900, por exemplo, *A Província do Pará* noticiava:

O Padre Ricardo Felipe da Rocha, um distinto parahybano, é uma das capacidades do nosso bispado. Novo ainda, o Padre Rocha tem se imposto pelos seu talento e virtudes de character. Formado em São Sulpício (Paris) em 1891, há nove annos que se encontra no Pará, exercendo com grande relevo o sacerdocio. É professor do seminario do Carmo e actualmente acumula essas funções com a de capelão do collegio e asylo Santo Antonio (*A Província do Pará*, 5 set. 1900, p.1).

Ao longo das próximas duas décadas, seu nome apareceria na imprensa paraense nas sessões *Notícias religiosas* ou *Notícias diversas* dos jornais, com menções corriqueiras a seu trabalho de sacerdote, como a de 1903: “Ao Evangelho, o conego Ricardo Rocha, com a sua palavra inspirada e arrebatadora, prendeu por alguns momentos a atenção da numerosissima assistencia, falando sobre o estupendo milagre, cuja festividade era então commemorada” (*A Província do Pará*, 13 abr. 1903, p. 1). Notícias cotidianas sobre celebrações de missa, viagens e presença em eventos religiosos podem ser vistas em diferentes jornais paraenses. Em 1922, encontramos textos assinados por Ricardo Rocha, como o da edição especial de *A Província do Pará*, intitulada *Continuam as manifestações em homenagem ao valente e immortal navegante do azul*. Ricardo Rocha, em uma texto que ocupava toda a coluna da esquerda da primeira página da folha, louvava a travessia aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro:

Rendamos, hoje, infindas acções de graças ao Altissimo, ao Deus das Ciências, a Sabedoria que tudo vê, prescruta e para quem não ha segredos – Belém do Pará abre os braços para apertar de encontro ao seu coração os filhos do velho Portugal tão elevado e celebrado nas paginas da historia, outr’ora e hoje glorificado na pessôa dos heroes do dia – Sacadura Cabral e Gago Coutinho – *Ad multos annos*” (*A Província do Pará*, 18 ago. 1922, p. 1, grifo próprio).

Na consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, recortando as publicações paraibanas e paraenses do final do século XIX ao final da década de 1930, não encontramos polêmicas envolvendo Ricardo Rocha ou qualquer menção a sua origem racial ou cor. Como teria sido sua relação com os fiéis e outros membros da Igreja? As trajetórias de religiosos de origem negra, em outras regiões, ao longo do século XIX, demonstram resistência em receber padres negros (Abreu, 2013; Fonseca, 2020), mas não temos elementos para mostrar como isso ocorreu no Pará nas primeiras décadas do século XX.

A trajetória de Ricardo Rocha, ao menos no que pode ser visto em registros da imprensa, parece ter sido bem diferente da de outro padre negro brasileiro, Daniel Pedro Marques de Oliveira, que viveu no Amazonas na segunda metade do século XIX. Segundo Abreu (2013, p. 66),

[...] há na história do padre Daniel uma série de aspectos importantes que revelam como a questão racial é manejada nos debates jornalísticos, que utilizavam sua “condição”

social e cor (por vezes descrito como pardo e liberto, por vezes como preto e escravo) para deslegitimar seus discursos e ações.

Daniel Oliveira, além de padre, foi deputado provincial, se relacionando diretamente com as questões políticas locais. Além disso, atuou em um período em que ainda vigorava a escravidão. Essas questões podem explicar a diferença para o que encontramos sobre o padre paraibano, que era filho e neto de pessoas livres, além de ter iniciado sua atuação pública já no pós-abolição. Também não encontramos menção à atuação de Ricardo Rocha em outros âmbitos que não fossem a Igreja.

Em outra região do Brasil Império, um seminarista negro era rejeitado por sua origem. Marcus Vinicius da Fonseca discute a trajetória do sul-mineiro Francisco Vitor, mostrando a rejeição sofrida desde os primeiros anos de formação na Igreja:

[...] quando ‘Francisco de Paula Vitor’ ingressou no seminário despertou a ira e o descontentamento dos colegas que se recusavam a conviver em situação de igualdade com um negro. Esses o tratavam como um escravo. Foi através da resignação diante dessa situação que ele se impôs aceitando com perfeita submissão os desmandos dos estudantes do seminário (Fonseca, 2020, p. 14).

No entanto, Padre Vitor se destacou em sua atuação, sendo candidato à canonização pela Igreja (Fonseca, 2020). Do outro lado do continente, também há um movimento de beatificação de Crisógono, um padre negro de origem colombiana, como discutiremos no tópico a seguir.

Diferente de Padre Ricardo, Juan de Dios passou à posteridade com o apelido de *Padre Negro*, ou seja, essa característica nunca deixou de acompanhá-lo. Assim como Ricardo, que fez parte da formação na Europa, o colombiano também estudou fora de seu país natal. Em sua segunda tentativa de ingressar na vida religiosa, ele não foi aceito pelos franciscanos colombianos. No entanto, “[...] gracias a su insistencia el padre Juan José de Cock, Comisario general de los Franciscanos Belgas en Chile, lo aceptó en circunstancias que visitaba este país” (González, 2020). Não temos outras fontes para analisar o episódio, mas podemos conjecturar que o destaque econômico de sua família pode ter tido um papel relevante nesse convencimento. Depois de alguns anos, o já não tão jovem rapaz foi recebido como membro da Igreja, a despeito de sua idade e cor da pele. Na ocasião ele já tinha 33 anos, e foi enviado para Tielt, Bélgica, onde realizou o noviciado. Ali completou os estudos em teologia e foi ordenado padre em 1916, quando adotou o nome religioso de Frei Crisógono.

Com exceção de um verbete no *Dicionário de biografias do Caribe e Afrolatinoamérica* (Knight; Gates Jr., 2016), as referências sobre Crisógono foram produzidas no âmbito da Igreja Católica e/ou por fiéis que querem manter vivo seu legado. Por conta disso, pouco encontramos sobre como teria sido a experiência, sendo um homem negro, na formação católica em um país europeu e imperialista como a Bélgica, que no mesmo período realizava uma das mais violentas explorações realizadas no território africano, no Congo (Lopes, 2021). Ainda assim, alguns indícios sugerem que sua origem não passou despercebida: “Otras versiones menos amables señalan que en Bélgica no era bien visto que un cura de color, con sus manos negras y toscas, le diera la comunión a la gente” (González, 2020).

Depois de ordenado, Crisógono não voltou para a Colômbia, mas foi viver no Chile, onde passou o resto da vida. As versões sobre essa escolha são diversas: “[...] para uns, expresó su deseo de ir a Chile, pues había recibido muchos comentarios que allí ‘se amaba mucho a la Santísima Virgen’” (González, 2020). Em uma interpretação mais irônica, “[...] lo mandaron al Perú, pero por situaciones del destino, el barco se ‘pasó’ y llegó a Chile” (González, 2020). Seja por um motivo ou

por outro, ele não foi mandado para a Colômbia, ou talvez não tenha desejado voltar para sua terra natal. Em 1920 ele chegou ao monastério La Serena, e um ano depois foi enviado ao Monastério Franciscano de Copiapó, na região de Atacama. Foi padre em um povoado chamado Punta Negra e em 1925 se tornou responsável pelo Convento Franciscano de Caldera, onde permaneceu até sua morte duas décadas depois (Navarrete, 2016, p. 58). As produções póstumas sobre Crisógono Sierra y Velásquez são laudatórias, produzidas em espaços religiosos ou por fiéis que desejam realçar suas características positivas, construindo uma ideia de homem quase santo, que merece ser beatificado.

REVERBERAÇÕES SOBRE OS PADRES NEGROS APÓS SUA MORTE

Como mostramos no tópico anterior, Padre Ricardo fez carreira religiosa no Pará. Em 1924, na seção Viajantes do jornal *A Província do Pará*, encontramos seguinte menção:

Por todo este mez corrente deverá seguir para a Parahyba do Norte, sua terra natal, onde, no aconchego de sua familia, irá se restabelecer de pertinaz enfermidade que o acometeu, o nosso velho e presado collaborador conego Ricardo Rocha, incontestavelmente um dos mais (?) ornamentos do clero e do pulpito paraenses (*A Província do Pará*, 10 maio 1924, p.2).

Não encontramos referência à *pertinaz enfermidade* que ele sofria e, estranhamente, não encontramos notícia de sua morte nos jornais paraenses ou paraibanos, sendo essa referência de 1924 a última encontrada na Hemeroteca Digital durante seus anos de vida.

Padre Ricardo ou Cônego Ricardo foi uma figura presente nas referências cotidianas da imprensa, especialmente no noticiário religioso do Pará. Por isso, nos parece curioso não haver notícia de sua morte em nenhuma das duas regiões. Algumas décadas depois, o mesmo jornal *A Província do Pará*, no setor *Notícias católicas*, traz uma curta menção: “Há 65 anos o Cônego Ricardo Rocha, em nome da Arquidiocese benzeu o altar-mor da Basílica de Nazaré” (*A Província do Pará*, 19 ago. 1988, p. 10). 1988 foi o ano do centenário da Abolição, em que debates sobre o que significaram os 100 anos de liberdade, os impactos da escravidão na formação do país e o racismo ganharam força na sociedade brasileira. Por conta da data, naquele ano, a Igreja Católica adotou como lema da Campanha da Fraternidade o tema *Fraternidade e o negro* (Campanha da Fraternidade..., 2015). Nem mesmo a efeméride e a Campanha levaram o jornal a mencionar o pertencimento racial de Padre Ricardo, provavelmente essa característica era desconhecida tantos anos depois de sua morte.

Diferente disso, como já adiantamos, Crisógono Sierra y Velásquez foi identificado enquanto atuava e passou à posteridade com a alcunha de Padre Negro, sendo muito popular até sua morte em 1945 e continuando no imaginário da região onde se estabeleceu. Diversas obras foram escritas sobre ele, assim como reportagens, matérias em sítios franciscanos⁷ e da região onde viveu, documentários⁸ e várias homenagens continuam a ser produzidas, como praças e bustos⁹ e

⁷ Ver La leyenda del... (2013) ou P. Crisógono... ([2020]).

⁸ Ver *Cien años del padre negro en Atacama*, dirigido por Bluesvi Santos e Luana De Miranda Noemi. Executado dentro do programa cultural da Municipalidade de Copiapó e financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional (FNDR) do Gobierno Regional de Atacama (Documental..., 2022).

⁹ Plaza Padre Negro, localizada em Atacama, Chile, com um busto de Crisógono. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Plaza_Padre_Negro. Acesso em: 14 abr. 2026.

outras obras de arte¹⁰. Lembrado pelo seu senso de humor, gentileza, ironia e força, a fama de Crisógono ganhou proporções maiores, pois “En torno a su figura también se tejieron numerosos mitos e incluso, se le atribuyeron poderes paranormales o milagrosos. Lo cierto es que fue un hombre que marcó la vida religiosa en la Región” (González, 2020). Os poderes milagrosos atribuídos ao Padre seriam: estar em dois lugares ao mesmo tempo e ter o dom de fazer profecias. Seus seguidores esperam que seja beatificado, processo que está em curso, segundo membros da Igreja Católica chilena (A 80 Años..., 2025).

Não está em nosso escopo aprofundar a análise sobre o Chile, mas é razoável refletir sobre como esse *Padre Negro* ganha tanta visibilidade num país em que o embranquecimento é algo presente desde o século XVIII (Aldana, 2023). Só recentemente, a partir de movimentos afrochilenos e das mudanças na historiografia, isso vem se alterando. No período em que Crisógono ali viveu, a relação com a presença negra era bem diferente:

Si bien la historia no parece demasiado distinta a la del resto de la región, hacia finales del siglo XIX, la retórica letrada e historiográfica da un vuelco de la molestia y la barbarie, a la negación, configurando un mito que, si bien no es único, tiene un enorme peso en el imaginario nacional que continúa operando en el presente (Aldana, 2023, p. 56).

Aldana se refere à ideia de que o país teve pouca presença negra porque no Chile negros morriam de frio. Crisógono atuava na região do Atacama num período em que o olhar sobre negros, associados à escravidão, era o de que seriam “[...] vagos, borrachos, irracionais, débiles, inferiores, excesivamente caros y escasos, parecían configurar así el escenario mítico y xenófobo sobre la presencia afrodescendiente silenciada, despreciada o distorsionada en la historia chilena del novecientos” (Aldana, 2023, p. 58). Um dos textos apologéticos a Crisógono mostra essa relação: o título é *El Padre Negro. Un cura de alma blanca* (Iglesias, 2005), escrito para uma coleção de biografias de sacerdotes chilenos. A despeito disso, ele se estabeleceu como um respeitado religioso, que após 80 anos de sua morte ainda é reivindicado como líder religioso, presente na memória da população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da Igreja Católica para a história da educação e da sociedade brasileira (Martins, 2021), assim como nesses campos na sociedade colombiana (Loango, 2016), são temas bastante presentes nas investigações de ambos os países. Pensar nos sujeitos envolvidos nesses processos, incorporando a dimensão do pertencimento racial, nos parece importante para discutir sobre essas regiões que foram e são bastante racializadas. As trajetórias de Crisógono Sierra y Velásquez e Ricardo Phillipe da Rocha, analisadas neste texto, permitem levantar questões acerca das experiências negras na América Latina.

O letramento, as experiências de escolarização e a aproximação com o universo intelectual são questões prementes, ainda que as fontes até agora encontradas impeçam o aprofundamento no caso dos dois sujeitos aqui destacados. Não sabemos como foram suas trajetórias escolares anteriores à formação nos seminários europeus, ou mesmo como foi o período na Bélgica e na França, qual foi o impacto de sua cor nas relações ali estabelecidas. Mas defendemos que eles

¹⁰ Em 2024, “o artista Christian Rivadeneira plasmó en una pintura el legado del religioso. Se trata de la pintura N° 13 de la colección ‘La Historia de Atacama y Copiapó en 18 Pinturas, el Orgullo por Nuestra Historia Atacameña’, donde Rivadeneira destaca acontecimientos y personajes que marcaron la historia de Copiapó y la región” (Mellado, 2024).

alcançaram um espaço intelectual reconhecido no período, o de membros destacados da Igreja Católica. Para isso, provavelmente concorreram às redes de sociabilidade e de solidariedade negras, os laços de compadrio estabelecidos com outros homens “de cor” e trabalhadores especializados, no caso da família Rocha, e com sujeitos abastados da elite regional antioquenha, no caso da família Sierra y Velásquez, além das atuações individuais de cada um.

Além disso, outras questões merecem ser aprofundadas em futuros trabalhos. Por exemplo, a circulação desses sujeitos dentro de seus próprios países, como é o caso de Ricardo Philippe que transitou entre Paraíba e Pará; dentro da América Latina, como Crisógono Sierra y Velásquez, que viveu na Colômbia e no Chile; e entre a América Latina e a Europa, já que ambos estudaram neste continente. Os processos de santificação de Crisógono e do padre brasileiro Vitor, analisados por Marcus Vinícius Fonseca (2020), também são notáveis, se pensarmos como o racismo estava presente nos tempos em que eles atuavam; e o interesse da Igreja Católica em formar *santos negros* são temas passíveis de outras análises.

As lacunas deixadas por esse trabalho reforçam a importância de novas pesquisas que aprofundem tais questões. Ainda assim, consideramos que as existências de Ricardo Phillippe e de Crisógono Sierra y Velásquez são exemplares para melhor compreensão sobre a agência negra na América Latina de finais do século XIX ao início do XX. Ambos se impuseram nas sociedades brasileira, colombiana, e por que não, chilena, disputando respeito e obtendo reconhecimento. Seus feitos foram notáveis, especialmente por serem realizados em sociedades racializadas como as latino-americanas. Analisar suas trajetórias pode ser uma chave para interpretar como as sociedades dos países em que eles atuaram lidaram com a presença negra em seus processos históricos de ampliação da escola e de domínio da cultura escrita, realizados em paralelo aos processos de subalternização sociorracial desenvolvidos na região (Veiga, 2022). Crisógono e Ricardo Phillippe mostram que, a despeito do racismo, a agência e a resistência negra estiveram presentes nas sociedades latino-americanas.

REFERÊNCIAS

A 80 AÑOS de la muerte del Padre Negro, sigue avanzando la causa de su beatificación. *Nostalgica*, [s. l.], 9 jul. 2025. Disponível em: <https://www.nostalgica.cl/a-80-anos-de-la-muerte-del-padre-negro-sigue-avanzando-la-causa-de-su-beatificacion/>. Acesso em: 18 maio 2026.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Belém, 5 set. 1900, n. 7512, p.1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128082&pesq=%22Padre%20Ricardo%22&pasta=ano%20190&pagfis=8738>. Acesso em: 14 abr. 2026.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Belém, 13 abr. 1903, n. 8275, p.1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128082&pesq=conego%20ricardo&pasta=ano%20190&pagfis=9494>. Acesso em: 14 abr. 2026.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Belém, 18 ago. 1922, n. 13205, p.1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128082&pasta=ano%20190&pagfis=10530>. Acesso em: 14 abr. 2026.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Belém, 10 maio 1924, n. 13753, p.2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128082&pasta=ano%20190&pagfis=12813>. Acesso em: 18 maio 2026.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Belém, 19 ago. 1988, n. 30221. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128082&pasta=ano%20190&pagfis=28173>. Acesso em: 14 abr. 2026.

A UNIÃO. João Pessoa, 1 jul. 1896, n. 842, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=171239&pasta=ano%20189&pesq=padre%20ricardo&pagfis=1225>. Acesso em: 14 abr. 2026.

ABREU, Tenner Inauhiny de. Padre Daniel Pedro Marques de Oliveira: racialização e conflito na Província do Amazonas – 1850-1889. *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, São Paulo, ano VI, n. XII, dez. 2013. Disponível em: https://revistas.usp.br/sankofa/pt_BR/article/view/88942/91806. Acesso em: 15 mar. 2026.

ALDANA, Lorena Ardito. Mitos, paradojas e interrogantes abiertas sobre la presencia negra en el Reyno de Chile. *De Raíz Diversa: Revista Especializada en Estudios Latinoamericanos*, Ciudad de México, v. 9, n. 17, 2023. Disponível em: <https://revistas.unam.mx/index.php/derazdiversa/article/view/85636>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Graciliano Fontino Lordão: um professor ‘de côr’ na Parahyba do Norte. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, 18, e033, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/44836>. Acesso em: 1 abr. 2026.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. *Universo letrado, educação e população negra na Parayba do Norte (século XIX)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Ricardo Antonio e Ricardo Philippe: dois homens negros nas teias da sociedade paraibana (XIX/XX). In: LIMEIRA, Aline de Moraes (org). *História da Educação & Projetos de Brasil no processo de Independência*. Curitiba: Appris, 2022.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de; FONSECA, Marcus Vinicius (org.). *História da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

BOLÍVAR, Francisco Javier Flórez. *La vanguardia intelectual y política de la nación – historia de una intelectualidad negra y mulata en Colombia, 1877-1947*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2023.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1988. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, DF, 18 fev. 2015. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1988/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

DOCUMENTAL – Cien Años del Padre Negro en Atacama. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (39 min). Publicado pelo canal Neovisum – Productora Audiovisual. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Wf8o8_rXu4. Acesso em: 18 maio 2026.

FONSECA, Marcus Vinicius. Padre Vitor. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 20, n. 1, e131, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/48751>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FUNDO CHANCELARIA – Série Registros Paroquiais – Subsérie Batismo (Paroquia Nossa Senhora das Neves). [S. d.]. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, Catálogo dos Processos de Ordenação, C:G/1(021), João Pessoa, PB.

GONZÁLEZ, Carlos Zepeda. Crisógono Sierra y Velásquez, la leyenda del “Padre Negro” de Atacama. *Revista Letra Brava*, Atacama, 31 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.letrabrava.cl/reportaje-crisogono-sierra-y-velasquez-la-leyenda-del-padre-negro-de-atacama/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

GONZALEZ, Lélia. *Lélia Gonzalez* – primavera para rosas negras. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

HERRERA, Martha Cecilia. Imagens sobre nós mesmos: nação, raça e educação na Colômbia. *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 41-65, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644077>. Acesso em: 12 mar. 2026.

IGLESIAS, Tussel Caballero. *El Padre Negro*. Un cura de alma blanca. Una visión del revdo. Padre Crisógono Sierra y Velásquez, Parraco de Caldera. Caldera: Observatorio Caldera, 2005. Disponível em: <https://www.observatoriocaldera.cl/biblioteca/589/w3-article-67067.html>. Acesso em: 25 mar. 2026.

JIMÉNEZ, Absalón. Historia de la educación comparada en América Latina: aproximación a un estado de la cuestión. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Tunja, v. 26, n. 44, 2024.

KNIGHT, Franklin W.; GATES JR., Henry Louis. (org.). *Dictionary of Caribbean and Afro-Latin American biography*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LA LEYENDA DEL padre negro en Atacama. *Orden Franciscana en Chile*, [s. l.], 29 jul. 2013. Disponível em: <https://franciscanos.cl/la-leyenda-del-padre-negro-en-atacama/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

LOANGO, Anny Ocoró. La nación, la escuela y “los otros”: reflexiones sobre la historia de la educación en Argentina y Colombia en el imaginario civilizatorio moderno. *Nodos y nudos*, Bogotá, v. 5, n. 41, jul./dic. 2016. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/NYN/article/view/6709>. Acesso em: 9 abr. 2026.

LOPES, Mariana. Congo belga: a brutalidade transformada em genocídio. *Agemt*, São Paulo, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/congo-belga-brutalidade-transformada-em-genocidio>. Acesso em: 18 maio 2026.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. Tempos da educação católica no Rio de Janeiro: 1854-1934. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/54345>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MEDEIROS, Coriolano de. *O Tambiá da minha infância*. João Pessoa: A União, 1994.

MEDINA, Luz Marina. Primer obispo afro en Colombia afirma que su nombramiento «es un voto de confianza». *CELAM – Consejo Episcopal Latinoamericano y Caribeño*, Bogotá, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://adn.celam.org/primer-obispo-afro-en-colombia-afirma-que-su-nombramiento-es-un-voto-de-confianza/>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MELLADO, Jorge. Obra dedicada al Padre Negro. *Caldera Informa*, Atacama, 12 maio 2024. Disponível em: <https://calderainforma.cl/obra-dedicada-al-padre-negro/arte-y-cultura/>. Acesso em: 18 maio 2026.

NAVARRETE, Juan. Sierra y Velásquez, Crisógono. In: KNIGHT, Franklin W.; GATES JR., Henry Louis (org.). *Dictionary of Caribbean and Afro-Latin American biography*. Oxford: Oxford University Press, 2016. v.6.

P. CRISÓGONO Sierra. *Iglesia San Francisco*, Copiapó, [2020]. Disponível em: <https://iglesiasanfrancisco.wixsite.com/san-francisco/padre-negro>. Acesso em: 18 maio 2026.

PARAÍBA. *Relatorio apresentado ao Exm. Sr. Dr. Gregorio José d'Oliveira Costa Junior pelo Director da Instrucção Publica Dr. Ivo Magno Borges da Fonseca em 27 de agosto de 1880*. Parahyba: Typographia Liberal, p. S1-S11, 1880. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000486/rpparaiba1880e/rpparaiba1880e.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PARAÍBA. *Relatorio da Directoria da Instrucção Publica da Parahyba do Norte em 1 de setembro de 1883 – O Director Eugenio Toscano de Brito*. Parahyba: Typographia Liberal, 1883. p. AD-4. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/paraiba>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PARAÍBA. *Mensagem do Governador Dr. Alvaro Lopes Machado ao Congresso Constituinte do Estado da Parahyba em 1º de Julbo de 1892*. Parahyba: Typographia e Litographia a vapor Manoel Henriques, 1892. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000486/rpparaiba1892/rpparaiba1892.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

POSADA, Consuelo. La raza negra en Colombia: antioqueños y chocoanos. *Estudios de Literatura Colombiana*, Antioquia, n. 12, 2011. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/elc/article/view/10539/0?articlesBySimilarityPage=4>. Acesso em: 13 abr. 2026.

RIGHTS AND RESOURCES INITIATIVE *et al.* *Atlas afrodescendiente: territorios Ancestrales y tierras colectivas afrodescendientes en América Latina y el Caribe*. Lima: CEDET, 2024. Disponível em: <https://rightsandresources.org/wp-content/uploads/Atlas-Afrodescendiente-FINAL-28-AG.pdf> Acesso em: 3 abr. 2026.

ROCHA, Solange Pereira da. *Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SANTOS, Wellington Oliveira dos. *Políticas educacionais antirracistas do Brasil e Colômbia: estudo comparado*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TAMAYO, Olga Lucía Martán . *Manuel Zapata Olivella – los años de formación (1920-1943)*. Rosario: Universidad del Rosario, 2026.

URIBE, Juan Jaramillo . Decreto Orgánico Instrucción Pública nov. 1/1870. *Revista Colombiana de Educación*, Bogotá, n. 5, 1980. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/RCE/article/view/5024>. Acesso em: 9 abr. 2026.

VEIGA, Cynthia Greive. *Subalternidade e opressão sociorracial: questões para a historiografia da educação latino-americana*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação comparada: reflexões iniciais e relato de uma experiência. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 31-41, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30523>. Acesso em: 12 maio 2026.

Submetido em abril de 2026
Aprovado em maio de 2026

Informações da autora

Surya Aaronovich Pombo de Barros
Universidade Federal da Paraíba/Instituto Caro y Cuervo
E-mail: surya.pombo@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7109-0264>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9315918014562884>